O GLOBO
CULTURA

Summer Soul Festival trouxe ao Rio diversão de alto nível

· Bruno Mars, Seu Jorge, Florence and the Machine, Dionne Bromfield e Rox tocaram quarta

SILVIO ESSINGER (EMAIL)
Publicado: 26/01/12 - 8h54 Atualizado: 26/01/12 - 10h11

Vestindo uma camisa 10 da seleção brasileira com seu nome, Bruno Mars levantou a plateia no HSBC Arena Gustavo Stephan / Agência O Globo

RIO - Não teve decepção: cada um no seu estilo, Bruno Mars, Seu Jorge, Florence and the Machine, Dionne Bromfield e Rox garantiram entretenimento de alto nível na quarta-feira, a noite carioca do Summer Soul Festival. Das 19h (quando a cantora britânica Rox subiu ao palco da HSBC Arena, animada) às quase duas da manhã (quando o americano Bruno Mars o deixou, aclamado), o público teve a chance de ver e de aplaudir estrelas nos seus mais variados estágios de desenvolvimento – mas nem por isso menos ou mais estrelas que os outros.

Com a climática "Bang bang" (sucesso de Nancy Sinatra), Roxanne Tataei, a Rox, abriu os trabalhos do fim de tarde (o sol ainda brilhava lá fora) mostrando uma soul music correta, defendida com boa voz, classe e muita simpatia, em sucessos próprios ("My baby left me", "I don't believe") e alheios (uma releitura inteligente de "Only girl (in the world)", de Rihanna). Divertida, sexy e com sorriso escancarado, a cantora ainda se desdobrou no balanço do reggae ("Rocksteady" e "Breakfast in bed", com citação de "You don't love me (no, no, no)", de Dawn Penn), para a alegria da garotada em férias que chegou mais cedo para conferir seu show. Emocionada com a generosa recepção dos cariocas, Rox prometeu voltar à cidade – e depois desceu para pista, misturando-se com o povo, durante o show de Florence and the Machine.

A atração seguinte foi a também inglesa Dionne Bromfield, de 15 anos, que veio acompanhada de dançarinos em estilo *boy band*, mas apresentou uma voz de adulta. Ela deu prioridade às canções de seu segundo LP, "Good for the soul", lançado no ano passado. Entre o embalo soul de "Ouch that hurts" e o romatismo de "Get over it", ela aproveitou para fazer uma homenagem à madrinha, Amy Winehouse, que se apresentou ano passado no Rio, no próprio Summer Soul Festival, poucos meses antes de morrer. Dionne fez uma junção de "Ain't no mountain high enough" (clássico do soul, que gravou em seu primeiro disco) e "Tears dry on their own", grande sucesso de Amy. Muito hábil na dança, no canto e na comunicação com o público, Dionne pecou apenas pelo bom-mocismo. O ótimo neosoul "Fuck you", de Cee Lo Green, ela optou por cantar de forma *clean*, como "Forget you" ("Esquecer você"). Bem como convém a uma menina educada.

Distante tematicamente do soul das herdeiras de Amy Rox e Dionne Bromfield, Florence Welch, cantora inglesa que veio acompanhada de sua Machine, também mostrou um bocado de alma em sua apresentação no festival. Primeira artista a ser de fato aclamada na noite, ela entrou com pose de diva e um belo vestido esvoaçante. E soltou a voz, sem dó, em alguns de seus intensos rocks, guiados por uma curiosa mistura de piano, harpa e vigorosa percussão. "Only if for a night", "You've got the love", "Never let me go" e "Shake it out" foram algumas das músicas em que Florence conseguiu manter a voltagem alta, cantando e dançando como se estivesse em alguma cerimônia pagã. Mais para o fim do show, a ruiva já tinha virado uma espécie de diva de house music, urrando de satisfação com as reações extremadas da plateia às suas canções.

E já passava das dez e meia quando Seu Jorge chegou para incorporar o suingue brasileiro ao soul dos gringos. Antecedido por um *esquenta* de sua big band, ele fez uma entrada triunfal, à la James Brown, e decretou o início do baile com "Dia de comemorar", samba-funk de seu novo disco, "Música para churrasco vol. 1". Sucessos como "Mina do condomínio" e "Pessoal particular" renovaram o apelo à dança, com direito a coreografias dos músicos. Em "Tive razão" e "Quem não quer sou eu", Seu Jorge navegou pelas águas do soul romântico, com voz de travesseiro. Mas retomou o bailão logo em seguida com "São Gonça", "A doida", "Mangueira" e as popularíssimas "Carolina" e "Burguesinha". No meio do caminho, ainda chamou a atenção do público para o desabamento dos prédios da Cinelândia, que tinha acabado de acontecer, e pediu "meio minuto de silêncio em resposta a uma dor". Com Seu Jorge, até o silêncio foi eloquente.

A conclusão óbvia da noite era mesmo Bruno Mars, o artista do momento, compositor e intérprete de algumas das músicas mais tocadas nas rádios, mp3 players e computadores do planeta. A grande notícia da já madrugada foi que, além de *hitmaker*, ele também é um grande performer, na linha de Michael Jackson, Prince e Elvis Presley, que ele costumava imitar no palco ainda criança. Vestindo uma camisa 10 da seleção brasileira, com seu nome, Bruno chegou a bordo de uma banda de primeira, já mandando "The other side" e "Top of the world".

Com o velho rock "Money" como introdução, ele emendou em "Billionaire", hit que compôs para o cantor Travie McCoy (e que foi sucesso em versão com Claudia Leitte). Daí em diante, foi hit atrás de hit: "Marry you" (tinha até menina vestida de noiva na beira do palco), "The lazy song" (que ganhou uma interpolação em inglês do "Ai, se eu te pego", do Michel Teló), "Grenade" (em que Bruno encarnou o guitar hero) e "Just the way you are", músicas do seu único álbum até agora, "Doo-wop and hooligans". Para o bis, Bruno Mars deixou seu grande sucesso no Brasil, a balada "Talking to the moon" – e depois despediu-se efusivamente, prometendo voltar ao país em breve. Com certeza, haverá muita gente para cobrá-lo.